



DUAS DE LETRA

GRUPO DE LEITORES DA BIBLIOTECA

FACULDADE DE PSICOLOGIA | INSTITUTO DE EDUCAÇÃO

UNIVERSIDADE DE LISBOA

JUNHO 2018

GUIA DE LEITURA

GENTE SÉRIA – HUGO MEZENA



**Biografia:** Hugo Mezena nasceu em 1983, em Penafiel. Vive em Lisboa. É autor do melodrama *A Cidade, o Gato*, da peça *O Salto* e dos libretos para ópera *O Deus do Vulcão* e *Jealousy*. Participou em coletâneas e no romance coletivo *O Grande Inquisidor*. A micropeça *A Violação* foi levada à cena em Portugal e no Brasil.

Alguns dos seus trabalhos deram origem a obras plásticas e peças musicais e são presentemente objeto de estudo em contexto académico. Interessa-se pela relação entre palavra escrita e música. Toca piano e é professor de Educação Musical.

*Gente Séria* é o seu primeiro romance.

**Sinopse de *Gente Séria*:** Uma criança anota pecados numa folha. Um tio põe um anúncio no jornal a dar-se como morto. Um pai dá biberões de vinho ao filho. Um avô assiste a julgamentos na televisão para sentir medo.

É numa família em que o machismo e a violência dão ordem à vida que se inicia esta história de busca e reconstrução do passado, mas também de crescimento e conquista da ternura, da capacidade de comunicação e compreensão do outro.

Um fresco de uma sociedade rural portuguesa que, no limiar da mudança de século, estava ainda em vias de se modernizar.

**"Tive de destruir António Lobo Antunes e Gonçalo M. Tavares" (in DN Artes, entrevista por João Céu e Silva - 06/04/2018)**

Hugo Mezena apresentou-se para a literatura com o romance *Gente Séria* na recente edição do festival literário Correntes d'Escritas. Não é a sua primeira tentativa, mas só agora gostou do que poderia ser o seu romance de estreia. É professor de Educação Musical e toca piano: "O piano exige uma disciplina parecida com a micronarrativa, não só porque está ligado a pequenos movimentos, mas para se tocar uma frase de forma clara e consistente no instrumento é preciso saber o que não fazer." Ou seja, sintetiza: "Foi importante esta disciplina mecânica dos dedos, e também mental, para escrever o meu romance."

*Porquê mais um primeiro romance?*

Este é o primeiro livro que publico mas é o quarto que escrevo. Já me é um género familiar há muito tempo mas só agora senti que era o tempo de editar. Aliás, ao fim da segunda semana a trabalhar neste romance percebi que poderia existir algo que funcionasse e chegaria ao fim da escrita com a sensação de que valia a pena. Antes tenho participações em coletâneas, dois libretos de ópera e textos para teatro.

*Porquê escolher então o romance?*

Este livro impôs-se pelo tema e também ao nível da narrativa. Ou seja, perdi o controlo sobre o material quando o livro veio ter comigo.

*Usa um sistema de pequenos capítulos. Porque é mais sedutor?*

A narrativa breve é importante para mim e estou mais familiarizado com ela por antes ter escrito muito assim. Primeiro escrevo e depois seleciono o que quero, por isso, desde que trabalho com regularidade, mantenho uma certa disciplina. Essa é a forma natural da minha escrita, não foi pensada.

*Como faz para reduzir ao mínimo?*

Limpo ao máximo, às vezes até de mais, e quando percebo que não tenho de onde retirar fico satisfeito. Frequentemente, até sou obrigado a acrescentar de tanto cortar. No momento em que sinto que está depurado, então acrescentar já faz sentido. Muitos dos capítulos foram deitados fora e o livro que agora é publicado mais não é do que uma seleção de tudo o que foi.

*Não publicou antes porque não houve tempo ou não estava como queria?*

Há algumas coisas que escrevi e considero francamente publicáveis, no entanto precisava de tempo e do momento certo pois nunca houve em mim uma pretensão de editar. Nos livros que tenho prontos, ou em via de terminar, ainda necessito perceber qual será a sua ordem de publicação. Quando for capaz de ordenar esse caos, tudo bem. Até lá é uma causa interminável.

*Os novos autores querem é publicar...*

O importante para mim é existir uma formação. Ler muito porque aprender a escrever é como aprender uma língua e só falando é que se a sabe. Então, a determinada altura, a escrita vai-se tornando natural e fluente. Quando comecei a ler e a escrever de forma sistemática há dez anos via como não era fluente nesta língua. Com Gente Séria foi o momento em que senti que possuía o domínio nesta língua de papel.

*Que escritores o influenciaram?*

É uma pergunta complicada porque sou muito criterioso nas escolhas e ao longo do tempo ganhei prazer com autores mais difíceis. Gosto da Jane Austen, que é mais difícil do que parece.

*E entre os escritores portugueses?*

Existem muitos, no entanto há dois que me influenciaram particularmente e que tive de destruir: António Lobo Antunes e Gonçalo M. Tavares. Fiz muitos pastiches e a dada altura foi difícil que os meus textos não soassem aos do primeiro e só com outras leituras e mais prática é que a mão se foi tornando realmente a minha mão. Depois, voltou a acontecer com Gonçalo M. Tavares, que foi um novo choque literário.

*Considera que já tem voz própria?*

Ainda não estará completamente construída, mas este romance já não soa a outra pessoa. O José Cardoso Pires dizia que para construir era preciso destruir, contudo para se poder destruir alguma coisa é necessário ela existir.

*Que outros escritores portugueses o ajudaram a destruir e construir?*

Na adolescência tive a fúria de ler compulsivamente Saramago e Eça de Queiroz e escrever como eles. Há verdadeiros monstros: Agustina, por exemplo. Hoje, também existem ótimos escritores e poetas e, para a dimensão do nosso país, não faltam nomes se nos quisermos bater com outros autores.

*O narrador deste romance é jovem. Acha-o suficientemente credível?*

O romance vive da perspetiva infantil do protagonista, que evolui de criança para adolescente, reinterpretando o que se passa à sua volta. Parte da ingenuidade para um tempo em que tem alguma consciência e crueza que lhe permite entender a realidade. Se isso transparecer ao leitor, fico satisfeito.

*Também recupera certa paisagem do interior. Não está em contraciclo?*

O romance, sendo passado nos arredores do Porto, remete para uma realidade rural que aos olhos de hoje pode parecer distante, mas não o é porque de entre 1987 e 1995 passaram pouco mais de vinte anos. Para nós essas histórias podem parecer coisas longínquas e passadistas, no entanto tento fixar uma paisagem rural que existia na altura e num espaço geográfico em que se vivia num tempo fora do tempo, onde o 25 de Abril ainda não chegara.

*É fácil trabalhar a ação de um livro num local onde o tempo parou?*

Por um lado permite criar contraste entre o ambiente urbano da época e um lado de comportamento picaresco das personagens. Mesmo onde o tempo parou e as atitudes cristalizaram existe um rio subterrâneo de comportamentos que se forem bem captados podem balancear o livro. Tem um ambiente que conheço e qualquer um vai reconhecer, daí a interpretação da história não ficar fechada em si. Até porque o drama interior do personagem tanto existe no campo como na cidade.

**“Gente séria vs. gente a sério” (in Observador, crítica por João Pedro Vala - 10/03/2018)**

Histórias de crime e de redenção, de padres e fiéis pouco dados a regras, de amores e desamores que se confundem com quem lê. João Pedro Vala escreve sobre "Gente Séria", de Hugo Mezena.

No princípio, tudo é muito claro: a tia Mena é má porque é feia, tem pêlos debaixo do sovaco, come cebolas cruas (o que, convenhamos, é sob todos os pontos de vista inaceitável) e nunca se benze; os pais são bons porque rezam o terço e lhe vão dar um

beijo antes de ir dormir; a mulher do senhor Júlio é má porque não deixa o senhor Júlio levantar-se da mesa a meio do jantar para aviar um freguês. Os bons vão para o céu, os maus para o inferno. Um mundo tão simples, em que a salvação ou condenação eterna dependem exclusivamente do cumprimento zeloso de um restrito número de regras, leva a que Miguel, o narrador do romance que, na altura da primeira parte da história tinha dez anos, atribua uma importância absoluta à confissão de todos os seus pecados ou a questões como a de se, ao se benzer, “teria o dedo atravessado a testa, em arco, para vir bater entre os olhos, como devia ser” (p.15).

Miguel senta-se sempre na fila dos muito bons alunos da turma da dona Maria da Conceição. Ao contar-nos isto, Hugo Mezena não está a querer louvar a inteligência e aplicação do seu protagonista, mas a mostrar que, na sua infância, Miguel estava realmente empenhado em apropriar-se da visão do mundo que Benomilde, neste caso através da sua professora primária, tinha para lhe oferecer. Miguel vai então crescer imerso no credo de Benomilde, um credo personificado pelo seu avô Jorge que nunca se esquece de benzer as sementes antes de as plantar e que não se cansa de proclamar que um homem sem pêlos no peito é um homem sem respeito. Contudo, mais importante do que tudo isso, de acordo com o avô Jorge, é saber-se que “graças a Deus, muitas. Graças com Deus, poucas”. E, acima de tudo, importante, importante é ser-se gente séria.

A verdade desta visão do mundo que Benomilde lhe oferecia começa, todavia, a colapsar quando a doença do tio Carlos finalmente o leva. Miguel percebe, na hora da morte do seu tio, que pessoas boas fazem coisas egoístas e que pessoas más se comportam muitas vezes com uma enorme dignidade.

Pouco depois, Miguel deixa a escola primária e entra num liceu no Porto. Não será, ainda assim, ao contrário do que seria de esperar, a cidade cosmopolita que abrirá os olhos ao jovem aldeão. Será a própria aldeia que implodirá. O padre Germano morre e é substituído por um padre novo, de calças de ganga e que bebe cervejas na associação desportiva enquanto fala de política. Descobre-se que o Gonçalves é um criminoso. A professora de catequese não deixa que os bombeiros usem a água do seu poço para apagar um fogo na casa do vizinho. O tio Alexandre finge a própria morte e foge. Pior que tudo, o avô mente e começa a enlouquecer. Este colapso súbito de tudo o que era sagrado em Benomilde leva a que Miguel se comece a aperceber de que a vida tem, afinal, mais regras do que aquelas que lhe tinham ensinado. Os bons são maus e os maus são bons. Já não basta ser sério para se garantir a salvação. Pior do que isso, percebe que “isto de ser sério tem muito que se lhe diga” (p.206).

A história do padre Cláudio, o substituto do padre Germano, é talvez a melhor do romance e, certamente, a que melhor ilustra o que Hugo Mezena nos parece querer dizer. O padre Cláudio poderia ter sido o que quisesse, mas decidiu servir a Igreja por devoção. No entanto, sendo a carne fraca, ainda no tempo do seminário decide visitar as prostitutas de Coimbra. Os argumentos que usa para se persuadir de que aquilo que se prepara para fazer não tem grande mal são absurdos (“Não posso partir para uma vida de abstinência sem antes saber do que me abstenho. Seria tão estúpido como dizer

que não gosto de vinho sem o ter provado” (p.160). Substituir ‘vinho’ por ‘corações de uruguaio’ talvez mostre bem a debilidade do raciocínio do padre). No entanto, estes convencem completamente o jovem seminarista, uma vez que Cláudio estava já disposto a levar o seu plano avante ainda antes de ter encontrado as razões que o legitimassem.

Ao chegar a Benomilde, Cláudio vai então arranjar uma amante, indo sempre ao encontro desta remoído pelos remorsos e sem se conseguir abstrair do ridículo dos movimentos necessários para a obtenção do prazer. Ainda assim, o jovem padre acredita que “bem vistas as coisas, os movimentos mais honestos que era capaz de fazer eram aqueles: para a frente e para trás com a anca, quando ninguém estava a ver” (p.190). Porque só quando os faz reconhece a sua própria fragilidade. Porque todos os outros gestos, todas as outras palavras, todas as outras orações, ainda que lhe conferissem o respeito e a admiração dos habitantes de Benomilde, lhe pareciam agora reduzidos a cinzas. Cláudio já não se consegue ver como um padre de aldeia, essa figura solene, respeitável e séria, infinitamente superior às demais, mas antes como apenas mais um homem: “Era uma pessoa. Só isso. Uma pessoa que se dirigia a outras pessoas. Que lhes dava o que elas queriam ouvir. Que lhes falava aos ouvidos. Era um monstro. Um trapaceiro. Um aldrabão” (p.193). E é quando se apercebe disto e desce do seu altar que Cláudio se torna o verdadeiro herói do romance, a par do tio Alexandre.

Contudo, seria trópeo o romance achar que Gente Séria é um ataque cerrado à Igreja. Ainda que Mezena por vezes ridicularize o lado ritualista do Catolicismo, a única possibilidade de salvação do mundo em que Miguel cresceu (e o romance é tanto sobre o fim de um tempo como sobre o crescimento de Miguel) é trazida por ideias muito presentes no discurso cristão. A única forma de evitar o final trágico que se avizinha (e que o escritor constrói de forma irrepreensível) passa por reconhecer algumas das verdades fundamentais do Cristianismo. Só percebendo que não existe gente séria, que todas as pessoas são boas e más, que todas falham, que todas se enganam e que todas voltam atrás é que a guilhotina que paira sobre a cabeça do mundo de Miguel pode ser travada, ou, pelo menos, almofadada. Só quando os habitantes de Benomilde forem capazes de se rir de si próprios é que serão capazes de olhar para os malucos, os estúpidos, os bandidos, os infiéis e os mentirosos e reconhecerem-se a si mesmos. Só aí conseguirão perdoar-se uns aos outros, salvar o que restar e seguir em frente.